

# O ACERVO DO INSTITUTO FEDERAL DO PIAUÍ – CAMPUS TERESINA CENTRAL:

## POSSIBILIDADES DE ARQUIVAMENTO DA MEMÓRIA INSTITUCIONAL

**MÁRCIA PEREIRA DE OLIVEIRA**, INSTITUTO FEDERAL DO PIAUÍ, TERESINA,  
PIAUÍ, BRASIL

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Piauí. Assistente em  
Administração no Instituto Federal do Piauí.

E-mail: [marcia.pereira33@yahoo.com.br](mailto:marcia.pereira33@yahoo.com.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8910-0101>

**EDNARDO MONTEIRO GONZAGA DO MONTI**, INSTITUTO FEDERAL DO PIAUÍ,  
TERESINA, PIAUÍ, BRASIL

Doutor em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor do  
Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí.

E-mail: [ednardomonti@gmail.com](mailto:ednardomonti@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3513-3316>

**LUCIANE SGARBI SANTOS GRAZZIOTIN**, UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS  
SINOS, SÃO LEOPOLDO, BRASIL

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.  
Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do  
Rio dos Sinos.

E-mail: [lsgarbi@unisinisinos.br](mailto:lsgarbi@unisinisinos.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5648-3855>

**DOI**

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v15i30p114-136>

**RECEBIDO**

14/05/2020

**APROVADO**

20/12/2020

## O ACERVO DO INSTITUTO FEDERAL DO PIAUÍ – CAMPUS TERESINA CENTRAL: POSSIBILIDADES DE ARQUIVAMENTO DA MEMÓRIA INSTITUCIONAL

MÁRCIA PEREIRA DE OLIVEIRA, EDNARDO MONTEIRO GONZAGA DO MONTI, LUCIANE SGARBI  
SANTOS GRZZIOTIN

### RESUMO

O estudo aqui apresentado tem como foco o processo de constituição de um espaço dedicado a arquivar e conservar a memória de uma instituição educacional centenária. O objetivo é refletir sobre a implementação do Memorial do Instituto Federal do Piauí, Campus Teresina Central, que abrange ensino técnico, graduações tecnológicas, licenciaturas, bacharelados, cursos de especialização *lato sensu* e programas de pós-graduação *stricto sensu*. Sob a perspectiva da História da Educação, busca-se problematizar esse processo em uma instituição pública e compreender as potencialidades de um lugar de memória, na concepção de Pierre Nora (1993). Os questionamentos e as ponderações presentes nesse propósito de reunir o acervo estão conectados com conceitos da História Cultural, mobilizando ideias de Jacques Le Goff e Peter Burke, e com a utilização de fontes orais, hemerográficas, objetos da cultura material da escola e documentos institucionais. A reflexão proposta está organizada em uma introdução, evidenciando a experiência de criação de uma unidade de memória numa instituição de ensino superior, técnico e tecnológico. Em seguida, abordam-se o percurso de constituição desse espaço e as questões acerca de seus desafios, suas realizações e intencionalidades. Segue-se com um segundo tópico, discutindo-se limites e potencialidades desse investimento de pesquisa, com suas tensões e intenções. Nas considerações finais, o artigo aponta que os primeiros passos em direção à construção do Memorial foram realizados; entretanto, há medidas de cunho operacional e administrativo que, para se efetivarem, dependem de vontade política, dotação orçamentária e sensibilidade da gestão do campus para designar uma equipe comprometida com os objetivos pretendidos.

### PALAVRAS-CHAVE

Memória da educação, Memória institucional, Acervo museológico, Museus universitários.

# THE FEDERAL INSTITUTE OF PIAUÍ'S COLLECTION – TERESINA CENTRAL CAMPUS: ARCHIVING POSSIBILITIES OF THE INSTITUTIONAL MEMORY

MÁRCIA PEREIRA DE OLIVEIRA, EDNARDO MONTEIRO GONZAGA DO MONTI, LUCIANE SGARBI  
SANTOS GRZZIOTIN

## ABSTRACT

This study focuses on the constitution of a space dedicated to archive and preserve the memory of a centenary educational institution. It aims at reflecting on the implementation of a memorial dedicated to the Federal Institute of PiauÍ, Teresina Central Campus, which comprehends technical education, technological undergraduate courses, graduation courses, bachelor's degrees, *lato sensu* specialization courses and *stricto sensu* post-graduation courses. In a History of Education perspective, this paper sought to discuss this process in a public institution and to understand the potentialities of a memory place, according to Pierre Nora (1993). The questions and appraisals within this aim of gathering the collection relate to Cultural History concepts, mobilizing ideas from Jacques Le Goff and Peter Burke, considering materials such as hemerographic and oral sources, school objects and institutional documents. The discussion begins with an introduction, showing the experience involved with the creation of a memory unit in a superior, technical, and technological educational institution. Afterwards, the process of creation related to this space, and some matters involving its challenges, its accomplishments and its intentionalities are approached. The second topic approaches the limits and potentialities of this investment on research, along with its tensions and intentions. In the final remarks, the article shows that the first steps towards the construction of the memorial have been taken; however, there are operational and administrative measures that depend on political will, budget and sensibility from the Campus' management to designate a devoted team to accomplish the objectives.

## KEYWORDS

Memory of education, Institutional memory, Museological collection, University museums.

## 1 INTRODUÇÃO

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais (NORA, 1993, p. 13).

A epígrafe que nos serve de inspiração foi retirada do muito conhecido e clássico artigo de Pierre Nora, no qual ele discute a problemática dos lugares criados para conservar a memória, faz a distinção entre memória e história, e analisa a efervescência de uma sociedade que, por não ter memória, cria lugares para produzi-la. Nora destaca que, se os locais de memória não estivessem ameaçados, não haveria a necessidade de esses lugares existirem: “quando a memória não está mais em todo o lugar, ela não estaria em lugar nenhum se uma consciência individual, uma decisão solitária, não decidisse dela se encarregar” (NORA, 1993, p. 14). Não poderíamos produzir um texto que tematiza a constituição de um espaço para arquivar memória – ou, se preferirem, conservá-las – sem referência às reflexões e problematizações desse autor.

O estudo aqui apresentado tem como mote o processo de criação do Memorial do Instituto Federal do Piauí (IFPI) – Campus Teresina Central, processo que inicialmente ocorreu no ano de 2013, após longas tratativas e mobilização da comunidade escolar, no sentido de chamar a atenção para

a relevância da preservação do que entendemos ser uma parte importante da memória da educação brasileira, compreendendo que “o tempo histórico encontra, num nível muito sofisticado, o velho tempo da memória, que atravessa a história e a alimenta”. (GOFF, 2003, p. 13).

Em 2012 ocorreu uma primeira sensibilização para a importância de criar lugares para salvaguardar documentos institucionais, em uma visita realizada ao Museu Pedagógico do Colégio Sinodal – escola centenária de cunho confessional, luterana, cuja mantenedora é o Sínodo Rio-Grandense. O museu em questão fica próximo à escola e está localizado na cidade de São Leopoldo/RS, juntamente ao complexo Faculdades EST – Escola Superior de Teologia. Considerando iniciativas como essa, o objetivo deste artigo é refletir sobre o processo de implementação de um espaço de arquivamento e conservação da memória do IFPI, no sentido de problematizar esse processo em uma instituição de caráter público e compreender as potencialidades de um arquivo de cunho histórico para uma instituição de ensino técnico e tecnológico.

Ao encetarmos essa empreitada, fez-se necessário entender que, não obstante o papel de salvaguardar documentos atribuído aos arquivos, esses espaços oferecem aos cidadãos a possibilidade de encontro com sua percepção identitária, estreitando o “senso de origem, história e memória pessoal e coletiva” (COOK, 2018, p. 18), de modo que não se limitem a compreender a memória apenas como parte de uma história contada e encontrada em documentos produzidos e armazenados pelos ocupantes dos espaços decisórios (COOK, 2018).

Discorrer a respeito do processo de pensar o memorial e o modo como se deram os trâmites legais e pessoais nesse contexto; de perceber as escolhas do que foi guardado ou descartado; identificar a memória dispersa nos objetos como dispositivos de lembranças do que já não mais está nesse percurso; indagar o que e por que foi guardado: tudo isso implica fazer uma imersão em questionamentos relacionados ao nosso dever de memória (RICOUER, 2007) e ao horizonte de expectativa relacionado a esse espaço. Tal imersão possibilitou uma reflexão em torno das representações do Instituto Federal do Piauí — Campus Teresina Central, entendendo que “[...] uma comunidade científica é uma fábrica em série, submetida a limites de orçamento, ligada a políticas, a um recrutamento estreito e homogêneo, aos interesses do patrão e do momento” (REIS, 2017, p. 19).

O exercício de pensamento relacionado ao que pode ou não constituir um memorial, tendo como *locus* uma instituição centenária como o Campus Teresina Central e considerando os embates teórico-metodológicos e políticos a enfrentar na constituição de um espaço de memória institucional, envolveu um passeio pelo tempo e pela história. Os institutos federais são definidos pela lei Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008:

Art. 2º Os Institutos Federais são instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi, especializados na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos com as suas práticas pedagógicas, nos termos desta Lei (BRASIL, 2008).

O Instituto Federal do Piauí possui 21 *campi*, a saber: Angical do Piauí, Campo Maior, Cocal, Corrente, Teresina Dirceu Arcoverde, Floriano, José de Freitas, Oeiras, Parnaíba, Paulistana, Pedro II, Picos, Pio IX, Piripiri, Reitoria, São João do Piauí, São Raimundo Nonato, Teresina Central, Teresina Zona Sul, Uruçui e Valença do Piauí. O Campus Teresina Central, local de criação do memorial, oferece cursos nos diferentes níveis e modalidades de ensino: cursos de formação inicial e continuada de trabalhadores, educação profissional técnica de nível médio (integrada, concomitante, subsequente), educação superior, pós-graduação e educação a distância, configurando assim um ambiente com muitas especificidades, com um público diverso, incluindo estudantes de várias faixas etárias e docentes com perfis distintos.

Em 110 anos de existência, a instituição de ensino passou por mudanças não só estruturais e arquitetônicas, mas políticas. Tanto a expansão da rede quanto as recorrentes mudanças de denominação ocasionaram consequências objetivas e subjetivas. Assim, antes de apresentarmos as questões centrais do texto, é relevante situar o IFPI e algumas mudanças que antecederam sua atual configuração: com a edição do Decreto 7566/1909<sup>1</sup>, a instituição que o originou foi a Escola de Aprendizes Artífices do Piauí, oferecendo ensino profissional primário e gratuito (RODRIGUES, 2002, p. 11).

<sup>1</sup> “Crêa nas capitaes dos Estados da Republica Escolas de Aprendizes Artifices, para o ensino profissional primario e gratuito” (grafia tal e qual no decreto).

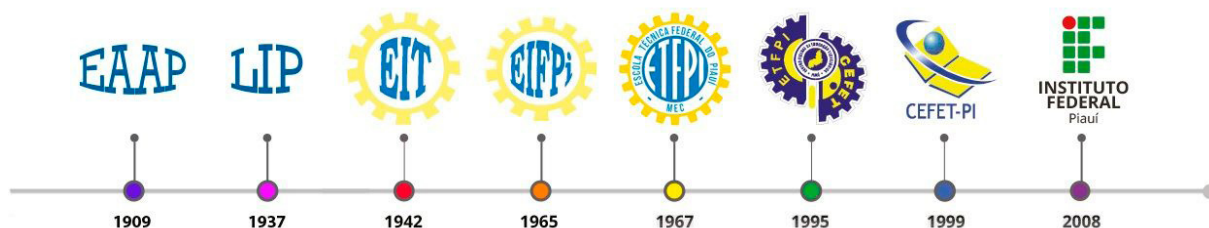
Posteriormente, a Escola de Aprendizes Artífices tornou-se Liceu Industrial do Piauí (1937-1942). De 1942 a 1965, era denominada Escola Industrial de Teresina, e em 1965 passou a se chamar Escola Industrial Federal do Piauí. Em 1967, a instituição foi transformada em Escola Técnica Federal do Piauí (ETFPI); e, no ano de 1999, passou a se chamar Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí. Em dezembro de 2008, com a edição da Lei 11.892/2008, foram criados os Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia.

Tais transições atravessaram as relações internas da instituição e, em variados momentos, ocasionaram tanto o estreitamento dos laços com a comunidade externa como seu esgarçamento. Em certa medida, a perda das memórias e a ausência da preservação da história institucional refletem a própria falta de uma cultura de preservação do patrimônio histórico material e imaterial da cidade, aspecto a ser discutido mais à frente.

Para problematizar as reflexões instaladas nesse propósito de reunir o acervo de documentos – tomados de forma ampla –, o percurso metodológico desse processo foi inspirado na História Cultural, por entendermos, juntamente com Burke (1992), que a história está sujeita a mudanças e interpretações, a depender do tempo e do espaço em que se constitui. Recorremos à utilização de fontes orais, hemerográficas, objetos da cultura material da escola e documentos institucionais, compreendendo que, “sem dados exteriores, sem provas materiais, não há evento, não há problema a ser resolvido, não há história a ser contada” (REIS, 2017, p. 47).

Oriunda, portanto, de inquietações advindas do cotidiano e das perdas de diferentes suportes de memórias, a relevância da criação do memorial tem como perspectiva, em princípio, o objetivo de ultrapassar o âmbito do Instituto;

FIGURA 1  
Linha do tempo.  
Fonte: Arquivo  
Dircom IFPI.



de trazer a comunidade para dentro da instituição; bem como, nesse espaço pedagógico, de oferecer possibilidades de ensino, de pesquisa e de extensão para os alunos e professores.

A construção de um lugar de memória contribui indiscutivelmente para as pesquisas em história da educação. Especificamente, este artigo tem como foco o registro e a problematização de como se deu essa empreitada de produzir memórias e lugares para guardá-los no Campus Central do IFPI – e, para além do arquivamento, de compreender suas potencialidades como espaço pedagógico.

Para este artigo, optamos, metodologicamente, por organizar a reflexão proposta numa retrospectiva distribuída em uma parte introdutória, evidenciando a experiência de criação de uma unidade de memória numa instituição de ensino superior, técnico e tecnológico. A seção seguinte é referente ao percurso de constituição desse espaço e às reflexões acerca de seus desafios, suas realizações e intencionalidades. Na sequência, o artigo problematiza limites e potencialidades desse investimento de pesquisa, com suas tensões e intenções. Por fim, as considerações finais trazem reflexões sobre o que já foi realizado e o caminho que ainda poderá ser percorrido.

## 2 QUIMERAS – UM LONGO PERCURSO

Antes de iniciarmos a discussão relacionada ao espaço de salvaguarda importa diferenciar conceitualmente os distintos lugares de custódia que têm como foco o arquivamento de memória. Iniciamos pelo vocábulo “acervo”, que consta no título deste estudo. Acervo é uma palavra proveniente do termo latino *acervus*, que significa coleção. Existem acervos pessoais, públicos ou privados, compreendendo o conjunto de documentos que está dentro de um memorial, arquivo ou museu, significa, de modo geral, grande quantidade de algo, abundância (BARCELOS, 2008). Com relação à definição de arquivo<sup>2</sup>, essa palavra deriva do latim *archivum*, conjunto de documentos ou lugar onde os documentos são guardados, nos arquivos

<sup>2</sup> No Brasil, a gestão de documentos se institucionalizou com a aprovação da Lei 8.159, de 8 de janeiro de 1991, que dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados. A mencionada lei, em seu artigo 3º, define gestão documental como sendo o conjunto de procedimentos e operações técnicas referentes à sua produção, tramitação, uso, avaliação e arquivamento em fase corrente e intermediária, visando a sua eliminação ou recolhimento para guarda permanente (BRASIL, 1991, p. 101).



existem coleções ou fundos (CUNHA, 2019). Segundo Bellotto (2009, p. 3) “[...] é importante o entendimento claro de que arquivo não é coleção e sim acumulação sucessiva, orgânica e natural de documentos que possuem caracteres externos e internos bastante específicos”.

O vocábulo “museu” tem origem grega (*mouseion*) e remonta ao templo das musas, filhas de Zeus com Mnemosine, a memória. Mesmo que ainda hoje a noção de museu esteja associada à arte, ciência e memória, como na Antiguidade, ao longo da história foi adquirindo novos significados (SUANO, 1986). O conceito de museu aqui utilizado é aquele apresentado pelo Conselho Internacional de Museus (Icom), entendido, assim, como instituição sem fins lucrativos, permanente, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. É um espaço aberto ao público, que adquire, conserva, pesquisa, divulga e expõe, para fins de estudo, educação e divertimento, testemunhos materiais do povo e seu meio ambiente (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2010).

Apesar da vasta produção bibliográfica sobre a organização e a natureza dos museus, principalmente no campo de sua definição teórica, entre a história e a museologia, pensamos que existe um ponto frágil: a clara inexistência de uma definição mais consistente do memorial como instituição. Memorial, segundo Barcelos (2008), refere-se a instituições cuja função é prestar uma homenagem. Funcionam a maneira de grandes centros culturais. Levam o nome de memorial, mas em realidade são o cenário para as mais diferentes atividades culturais. No meio campo entre museu e centro cultural, o memorial não tem uma identidade definida conceitualmente, aparecendo e diluindo suas funções ao sabor das administrações.

Uma primeira proposta de criação do Memorial do Instituto Federal do Piauí – Campus Teresina Central se deu em 2013, em algumas tratativas com a Reitoria, contudo, somente após quatro anos o projeto de criação e organização foi iniciado. Compreendemos, desde o primeiro momento, “a necessidade e os cuidados em organizar arquivos históricos/permanentes dentro do Centro de Memória Escolar, atentando para as diferenças existentes entre a organização desse centro e um arquivo histórico” (ZAIA, 2005, p. 3); e foi com base em leituras como essa que buscamos dialogar com as diversas áreas da informação e afins para definir a equipe.

Assim, pensadas as áreas de conhecimento para composição da equipe – quais sejam, arte e museologia, arquivologia, história e educação –,

obtivemos aprovação para dar início ao trabalho. Por meio do Memorando 04/2017/Campus Teresina Central/Coordenação de Biblioteca/Instituto Federal do Piauí, de 18 de outubro de 2017, solicitamos a Portaria de Criação da Comissão de Constituição de História e Memória do Instituto Federal do Piauí – Campus Teresina Central, com respectiva liberação dos membros da Comissão por um dia semanal para digitalização de material e, a cada 15 dias, para pesquisa em fontes hemerográficas na Casa Anísio Brito<sup>3</sup>, assim como em outros locais de coleta de dados. Assim, a Direção Geral do Campus Teresina Central emitiu a Portaria nº 2.846, de 18 de outubro de 2017, instituindo a Comissão de História e Memória do Campus Teresina Central.

A comissão está comprometida com a construção de dois espaços (um físico e um virtual) inclusivos, plurais e com a pretensão, conforme já mencionado, de se tornar um dispositivo pedagógico e servir de subsídio para pesquisadores, com vistas a oferecer um espaço de resistência ao apagamento dos sujeitos e de suas histórias. Nesse sentido, “os arquivos são lugares de memória, ou memorização, que protegem ou conferem poder. O espaço arquivístico não é meramente um reino de potencialidade, de interpretação latente e de busca de verdade” (BROTHMAN, 2018, p. 102).

Um arquivo, para além disso, deve apresentar um potencial educativo voltado para a diversidade e a pesquisa acadêmica, trazendo a comunidade para a escola e proporcionando aos adolescentes e adultos frequentadores do memorial, sejam membros internos ou externos, a oportunidade de vivenciar o respeito à pluralidade e às diferenças, a partir do conhecimento ali disponibilizado e discutido em eventos, oficinas, exposições, mostras de filmes, produção audiovisual e cênica. Esse foi o ideal planejado, considerando que

O arquivo de uma escola tem por finalidade armazenar a documentação de interesse da escola que venha auxiliar a administração e o ensino, assim como permitir o levantamento de dados para pesquisa educacional e histórica da instituição e da comunidade na qual ela está inserida. [...] Esse tipo de acervo arquivístico representa um patrimônio documental, que integra a memória da instituição escolar que o gera e é parte da memória educacional brasileira (BONATO, 2000, p. 45).

<sup>3</sup> Arquivo público de Teresina. Consideramos relevante a pesquisa em fontes hemerográficas como uma forma de tentar recuperar, por meio de notícias publicadas em jornais, parte da história que não localizamos na própria instituição.

A equipe solicitada e designada inicialmente para atividades de pesquisa foi composta pela docente Aline Kely Vieira Chaves, mestra em arte e museologia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI); pelo técnico em assuntos educacionais Jaislan Honório Monteiro, mestre em história do Brasil (UFPI); pela técnica em arquivo Nayra Christina Andrade Marques, então mestranda em gestão pública (UFPI); e pela assistente em administração Márcia Pereira de Oliveira, então mestra em educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), atualmente doutoranda em educação (UFPI).

Ainda em 2017, foi elaborado o plano de ações da Comissão, envolvendo elaboração do calendário de reuniões, definição da data de visita ao Museu do Piauí distribuição das atribuições de cada membro da Comissão, sugestão do espaço expográfico, recorte temporal a ser trabalhado na primeira exposição a ser realizada, definição da visita ao Memorial do Instituto de Educação Antonino Freire – outra instituição de ensino centenária que empreendeu esforços no sentido de compor seu memorial<sup>4</sup> –, definição de que o memorial reuniria a história do Campus Teresina Central<sup>5</sup>, agendamento de encontro na diretoria de comunicação para pesquisa nos arquivos de imagem, e decisão sobre a necessidade de participação da equipe de audiovisual da instituição para formalização dos registros das entrevistas.

Posteriormente à Portaria n. 2.846, de 18 de outubro de 2017, foi emitida a Portaria n. 1.111, de 23 de abril de 2018, que acrescentou como membros à comissão original o assistente em administração Antônio Francisco da Silva Júnior, analista em desenvolvimento de sistemas pela Faculdade de Tecnologia de Teresina (CET); e o técnico em edificações Luan Rusvell de Abreu Andrade, bacharel em Arquitetura pela UFPI. O acréscimo desses membros ocorreu pela percepção da necessidade de suas competências para a concepção tanto do espaço virtual como do planejamento e do acompanhamento da execução do projeto físico do memorial, considerando “o diálogo necessário com a história, a arquivologia e a informática” (BONATO, 2005, p. 1), assim como com outras áreas do conhecimento.

4 Para maiores informações, ver a tese da professora Ana Maria Gomes de Sousa Martins (MARTINS, 2016).

5 A escolha se deu por ser o único campus centenário e por não haver condições, nem recursos humanos e materiais para dar conta de todos os 21 *campi* da instituição.

No decurso dos dois primeiros anos de ação foram iniciadas as etapas de pesquisa e sensibilização quanto à importância de se ter um espaço de reunião, guarda e preservação desse acervo em construção. Num processo que buscou entrelaçar investimentos em pesquisa documental, coleta de depoimentos/documentos orais, bem como projetos de extensão visando a divulgar o trabalho e sensibilizar a comunidade, foi possível avançar e alcançar intentos relacionados à reunião do acervo. A princípio, foram digitalizadas aproximadamente 300 fotos antigas de diferentes períodos e organizada uma campanha solicitando que servidores e estudantes enviassem suas fotografias para compor um grande painel de rostos.

O resultado do envio das imagens dos discentes, docentes, servidores técnico-administrativos e terceirizados e da digitalização das fotografias culminou na exposição “Quem fomos, quem nos tornamos”, realizada no encerramento da I Semana da Música, Literatura, História e Memória do IFPI – Campus Teresina Central e do VIII Seminário do Núcleo de Educação, História e Memória – NEHME-UFPI, que ocorreu de 19 a 23 de novembro de 2018<sup>6</sup>, organizado em parceria com as coordenações de música do IFPI e da UFPI com o objetivo de reunir pesquisas sobre a história das instituições, sujeitos e práticas educativas.

O evento pretendia reunir também material para subsidiar o memorial, com o intuito de visibilizar pesquisas acadêmicas sobre história da educação, história da educação musical e história das instituições. Os trabalhos submetidos e aprovados por comissão científica foram reunidos em anais<sup>7</sup>. Na ocasião, foi feita a apresentação do Memorial Digital do IFPI, elaborado pelo analista em desenvolvimento de sistemas Tony Júnior, membro da Comissão. Também foi realizado um documentário piloto, feito com a parceria da Diretoria de Comunicação (Dircom).

Além do suporte do Núcleo de Educação, História e Memória (NEHME, CNPq), e do Núcleo de Educação, História e Ensino de Música (NEHEMus, CNPq), foram procurados mais subsídios para conduzir o processo, por meio de interlocução com pesquisadores do IFPI, como o

6 Mais informações sobre o evento estão disponíveis em: <https://www.ifpi.edu.br/teresinacentral/noticias/teresina-central-realiza-i-semana-de-musica-historia-e-memoria-do-ifpi>. Acesso em: 7 maio 2020.

7 Disponível em: <http://bia.ifpi.edu.br:8080/jspui/handle/prefix/646>. Acesso em: 5 maio 2020.

professor doutor Thiago Cabral Carvalho, e também de outros locais, como com a líder do grupo de pesquisa Educação no Brasil: Memória, Instituições e Cultura Escolar (EBRAMIC, CNPq), professora doutora Luciane Sgarbi Santos Grazziotin, que, em 17 de janeiro de 2019, levou ao Campus Teresina Central a palestra “Patrimônio histórico educativo, cultura material e razões para guardar: reflexões e (im)possibilidades”.<sup>8</sup>

A professora retornou a Teresina e, em 10 de maio de 2019, esteve na Universidade Federal do Piauí para discutir “História oral e memórias pessoais na produção historiográfica: desdobramentos teóricos e metodológicos”. Já no Memorial do IFPI, em 15 de janeiro de 2020, a convite do NEHEMUS e da Comissão de História e Memória, promoveu a abertura dos trabalhos de 2020/1 com uma aula pública intitulada “Metodologias qualitativas”, que reuniu mestrandos da Universidade Federal do Piauí, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Convênio Escolas Jesuítas/Unisinos), bem como docentes e discentes do IFPI.

Em 5 de abril de 2019 já havia acontecido, no Auditório Carmen Sinott do Campus Teresina Central, outra aula pública, intitulada “História e memória – modos de construir e preservar”, ministrada pelo professor doutor Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti, juntamente com a Comissão de Constituição de História e Memória. O evento teve como público-alvo mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí.

Em 30 de agosto de 2019, foi exibido, no auditório Maestrina Clóris de Oliveira (conhecido como “auditório grande do IFPI”), o documentário *Quem fomos, quem nos tornamos*<sup>9</sup>, fruto da orientação do professor doutor Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti, da parceria com a Feshow Filmes e da reunião de forças de um grande número de colaboradores. Sobre o documentário é importante ressaltar que houve a assinatura de permissão do uso da imagem por todos os entrevistados. Na mesma data, ocorreu a exibição do grupo “Eternas ginastas”, composto por ginastas dos anos 1980 e 1990, egressas da instituição. O evento foi encerrado com a exposição

8 Disponível em: [https://www.facebook.com/watch/live/?v=309684223009957&ref=watch\\_permalink](https://www.facebook.com/watch/live/?v=309684223009957&ref=watch_permalink). Acesso em: 7 maio 2020.

9 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gMFXYrxBBIA&t=36s>. Acesso em: 8 maio 2020.

“Fazemos Parte desta História”. Todas as atividades ocorreram como parte do projeto de extensão “Identidades em Movimento”<sup>10</sup>.

Concomitantemente à realização de projetos de extensão e demais atividades de natureza acadêmica, objetivando dar visibilidade às ações como estratégia de sensibilização da comunidade interna para contribuir com informações e ampliar o acervo material, foram realizadas atividades de natureza burocrática, técnica e administrativa, envolvendo documentos emitidos e recebidos, solicitações diversas, apresentação de relatórios e pedidos de providências. Nesse sentido, observamos que algumas demandas não puderam ser atendidas ou foram sanadas com prazo elástico, e alterações foram necessárias. A inclusão em pauta e aprovação da criação do Memorial do Campus Teresina Central não ocorreu no prazo estipulado, nem conforme sugestões do projeto enviado ao Conselho Superior (Consup). Além disso, ainda não foi atendida a solicitação do Memo. 01/2018/Campus Teresina Central/Coordenação de Biblioteca/Instituto Federal do Piauí, de 2 de janeiro de 2018, que trata da solicitação de uma impressora e de uma linha telefônica.

O Memorial Digital permanece indisponível na página institucional. A indisponibilidade de espaço, pessoal e orçamento para a gestão de documentos mantém o *corpus* documental sem possibilidade de acesso e tratamento, o qual se encontra armazenado em local inadequado e passível de extravio. Aqui cabe uma referência à fala de um diretor da década de 1930, Flavio Castello Branco, encontrada em relatório depositado no acervo da Casa Anísio Brito:

**Espero, no exercício próximo, organizar o arquivo, irregularmente dependente do almoxarifado onde se acha em balburdia tal que se torna difícil qualquer busca.** Identicamente farei o mesmo com a Secretaria para melhor exercício de suas atribuições e com a biblioteca da Escola, incipiente, e ainda sem repercussão na vida escolar (BRANCO, 1936, p. 6, grifo nosso, grafia original mantida).

<sup>10</sup> O projeto “Identidades em Movimento” busca lançar questões pertinentes aos dias atuais e às diversas vivências no espaço acadêmico e social. Teve sua primeira edição em 30/05/2017, trazendo como temas centrais “feminismo, homofobia e gênero”; a segunda edição foi realizada em 11/06/2018, com a temática “Intolerância e diversidade no mundo conectado”; e, por último, a edição de 30/08/2019 foi voltada para o Memorial, com o tema “Conhecer para valorizar”.

Contudo, é possível inferir que houve êxito em vários aspectos, não obstante pendências, atraso na execução de orçamento, na licitação e na execução referentes ao projeto arquitetônico – que fizeram com que o projeto inicial, com execução completa prevista para setembro de 2018, se estendesse até 13 de dezembro de 2019, quando ocorreu a inauguração do espaço físico e das iniciativas empreendidas.

É relevante considerar as etapas concluídas, como digitalização dos álbuns de fotos encontrados na biblioteca, visitas planejadas concluídas, elaboração e execução do projeto arquitetônico, no valor de R\$ 29.275,37, e reunião de acervo físico – composto, entre outros artefatos, por troféus adquiridos desde a década de 1940, mais de 500 fotografias, objetos recolhidos no depósito do leiloeiro<sup>11</sup>, documentos, entre outros. Também contemplam a elaboração do Memorial Digital: dois documentários; Semana da Música, História e Memória; e organização do acervo acadêmico pela técnica em arquivo Nayra Andrade Marques, por modalidade de curso (médio, técnico, superior, especialização). As caixas foram organizadas por ano e ordem alfabética de cada curso; e as pastas individuais, pelo sistema alfanumérico.

O processo descrito tem como objetivo provocar o reavivamento e redimensionamento da memória de uma comunidade, submetendo-a a um processo de coleta de vestígios, sinais, marcas que ficaram nas recordações das pessoas, nos registros em papéis, em fotografias, em imagens, em símbolos, em festas e demais marcadores que são capazes de identificar um tempo passado (GRAZZIOTIN, 2008).

É nesse processo de reavivamento que se insere o empenho de salvaguarda aqui relatado e as estratégias utilizadas por um grupo preocupado com a guarda de memórias.

No contexto apresentado, algumas atividades foram realizadas no intuito de ampliar a reflexão sobre o processo de constituição desses espaços. Entre elas, destacamos a exposição “Quem fomos, quem nos tornamos”<sup>12</sup>, como podemos ver a seguir.

<sup>11</sup> Espaço destinado à guarda do patrimônio público separado para leilão.

<sup>12</sup> Disponível em: <http://servidor.ifpi.edu.br/noticias/campus-teresina-central-lanca-memorial>. Acesso em: 7 maio 2020.

FIGURA 2

Exposição “Quem Fomos, Quem nos Tornamos”. Fonte: Arquivo Dircom IFPI.



A imagem apresentada na Figura 2 traz objetos dantes utilizados em laboratórios, como a balança de precisão; o projetor, usado em aulas expositivas; e outros artefatos da cultura material escolar datados do século XX que podem ser dispositivos de memória. Além das exposições, de palestras, aulas públicas e demais contribuições acadêmicas dos professores Luciane Sgarbi Santos Grazziotin, Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti e Thiago Cabral Carvalho, bem como de projetos de extensão, também aconteceu a mais recente atividade realizada no memorial, de 2 a 6 de março de 2020: a exposição “Aprendendo com Anne Frank”<sup>13</sup>, realizada em parceria com agentes da sociedade civil; com educadores de outras instituições de ensino, como a socióloga Marcela Castro, professora pesquisadora da área de violências de gênero/contra a mulher; e com o professor Randal Vieira, idealizador do Projeto Anne Frank Presente<sup>14</sup>, que teve gravada no livro de registros a presença de aproximadamente 2500 pessoas no decorrer da semana de realização.

<sup>13</sup> Para saber mais, acessar: <https://www.facebook.com/projetoannefrankpresente/>.

<sup>14</sup> O projeto recebe apoio da Casa Anne Frank, de Amsterdam, e do Instituto Plataforma Brasil, de São Paulo.



FIGURA 3

Exposição  
“Aprendendo com  
Anne Frank”. Fonte:  
Arquivo do Projeto  
Anne Frank Presente.



Como se pode observar na Figura 3, houve a participação dos estudantes, que se mostraram atentos e interessados nas informações ali expostas. A exposição “Aprendendo com Anne Frank”, do Projeto Anne Frank Presente, foi realizada pela primeira vez no estado do Piauí no Memorial do IFPI Campus Teresina Central<sup>15</sup>. Esteve aberta nos dois primeiros dias (2 e 3 de março de 2020) para o público interno – estudantes e servidores; e, nos três últimos dias (4, 5 e 6 de março de 2020), reuniu tanto a comunidade acadêmica interna quanto o público externo, que teve acesso livre nos turnos manhã e tarde.

### 3 MAIS QUE GUARDAR MEMÓRIAS: TENSIONAR

As múltiplas estratégias de sensibilização citadas contribuíram, em alguma medida, para que o projeto do memorial se realizasse – como dito anteriormente, hoje o espaço físico existe, e também há um acervo material

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.ifpi.edu.br/noticias/ifpi-traz-exposicao-aprendendo-com-anne-frank-historias-que-ensinam-valores>. Acesso em: 8 maio 2020.

e digital pronto a ser tratado. A Comissão permanece com o propósito inicial de procurar não perder de vista a intenção de consolidar-se como um grupo de pesquisadores, e não como mero promotor de eventos de extensão – atividade que é relevante, mas que não constitui o todo do trabalho proposto. Entretanto, as ações empreendidas também lançaram desafios novos e inesperados.

Assumimos um dever de memória (RICOUER, 2007) ao mobilizar as mais diversas fontes que precisam ser preservadas, pois esse arquivo, quando organizado, também terá por finalidade “servir à administração, constituindo-se, com o decorrer do tempo, em base do conhecimento da história” (PAES, 2004, p. 20). Esse dever de memória acabou por nos impor admitir que a história e a memória do IFPI encontram-se imbricadas à própria história da cidade. A exemplo disso, as festas cívicas, a banda de música do Instituto, o coral, dentre outros, fazem parte da cultura da capital. Nesse sentido, concordamos com Monti (2015, p. 341), ao pontuar que “música acompanha a História e os registros dessa expressão artística são um suporte para memória, uma fonte para a história da educação”. O hoje Instituto Federal do Piauí, fundado em 23 de setembro de 1909, existe enquanto instituição de ensino há 111 anos, ou seja, cresceu praticamente junto com Teresina: fundada em 16 de agosto de 1852, tem 169 anos. O IFPI, a cidade e suas histórias se entrecruzam de diversos modos.

Ocorre que Teresina tem passado, ao longo dos anos, por um processo rápido e intenso de apagamento de suas memórias. Em relação a esse aspecto, é importante ressaltar que

Todo o lugar, tomado geográfica ou socialmente, tem um passado. Esse passado pode, num dado momento, sofrer intervenções, assim, é possível submetê-lo a processos de esquecimento e apagamento, um exemplo dessa situação pode ser observada em sociedades submetidas a regimes totalitários, como foi o caso da ditadura Franquista na Espanha, relatada por Soria (2006), que tudo fez para provocar a amnésia forçada de uma sociedade, levada a esquecer o que não é desejado num determinado tempo, implantando outra memória, condicionada a um regime de verdade intencionalmente criado (GRAZZIOTIN, 2008, p. 62).

Nesse sentido, sob o ponto de vista arquitetônico, por exemplo, pouco resta de sua história. Inclusive, no que tange ao “prédio A” do Instituto Federal, antiga escola de aprendizes artífices, é importante dizer que não

localizamos seu registro na lista de bens tombados registrados na Fundação Cultural do Piauí – Coordenação de Registro e Conservação.

O centro de Teresina, que ainda abriga quatro das cinco instituições de ensino centenárias da cidade<sup>16</sup>, tem substituído casas e prédios antigos por terrenos abandonados, estacionamentos e hotéis. A principal avenida do centro, a Frei Serafim, teve sua paisagem histórica descaracterizada (FRANCO; AFONSO, 2017). Além disso, excetuando alguns prédios tombados, a localidade tem se tornado um corredor comercial, tomado por um aglomerado de farmácias, lojas de telefonia e outros pontos de venda de variados produtos e serviços.

No que se refere às instituições de ensino, somente nessa avenida, permanece com suas características originais o Colégio Sagrado Coração de Jesus, conhecido como Colégio das Irmãs. Colégios como Cipeve, Cursão, Corujão, Professor Sena e outros, conhecidos nas décadas de 1980 e 1990, desapareceram. O Colégio Objetivo retornou à cidade, e o Colégio Andreas transformou-se em faculdade, mas sem fazer qualquer reminiscência à escola que o local um dia foi. Sobre iniciativas de preservação das memórias, algumas instituições de ensino da cidade vivenciaram a experiência de criar seus espaços de rememoração<sup>17</sup> e guarda de suas histórias. Outras, com destino inverso, foram demolidas<sup>18</sup>, transformadas e/ou esquecidas. Desta forma, embora tenhamos notícias de projetos semelhantes no país, em Teresina é, ainda, algo inicial. Zaia (2005) faz referências aos trabalhos realizados no Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo:

A pesquisa atual em história da educação tem levado muitos pesquisadores para dentro de instituições de ensino com a finalidade de levantar nos arquivos escolares informações sobre, entre outros propósitos, seu funcionamento interno, as relações que estabelece com a comunidade local (quer seja com o bairro ou com a cidade) e suas relações com o estado (ZAIA, 2005, p. 3).

16 O Instituto Federal, o Diocesano, o Colégio das Irmãs e o Liceu Piauiense (Colégio Zacarias de Góes) situam-se no centro da cidade; e o Instituto Superior de Educação Antonino Freire localiza-se no Bairro Matinha.

17 O Diocesano constituiu seu memorial que, até o fim da escrita deste artigo, estava fechado para visitação pública. O Instituto Antonino Freire fez seu espaço de memória.

18 Exemplo disso são o Colégio Pro-Campus (nos anos 1980 situava-se na Frei Serafim, onde hoje funciona o Metropolitan Hotel) e o Curso Professor Williams (tradicional curso de Português da cidade), ambos demolidos.

É nesse sentido que somos impelidos a ter como horizonte de expectativa para esse espaço um lugar de tensionamentos, e com a clara intencionalidade, dentre outros aspectos, de prover pesquisadores, no futuro, de material para suas pesquisas sobre história da educação tecnológica no Piauí, história da educação musical<sup>19</sup> e história das instituições de ensino, concordando com Reis (2017, p. 10) que “A historiografia é essencial à vida cultural e à ação política que constroem um mundo social habitável”. Temos ciência da dimensão do desafio, como também não guardamos a ilusão ou o desejo de totalidade – tanto que, até o momento, o que percebemos é que será um longo caminho, até mesmo em razão do fato de que os materiais mais completos de que dispomos são as duas obras organizadas por memorialistas, quais sejam: *Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí: 90 anos de ensino profissionalizante* (RODRIGUES, 2002) e *100 fatos sobre uma escola centenária* (RÊGO; RODRIGUES, 2009), que servem de base para parte significativa das pesquisas sobre o tema atualmente no estado. Trata-se de contribuições importantíssimas, mas que podem ser acrescidas de outras.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito da implementação do Memorial do Instituto Federal do Piauí – Campus Teresina Central, há um processo que está em andamento, portanto é cedo para afirmar o que foi guardado e o que já foi perdido nesse percurso. Mas cabe indagar o que e por que foi guardado, o que e por que foi perdido, o que não pôde ser acessado. Nesse sentido, mobiliza-nos o pensamento de Ribeiro, citado por Bonato (2005):

O colégio que cria o seu museu, que envolve os seus alunos na organização de exposição, na coleta de depoimentos das pessoas mais velhas ou que, utopia possível, organiza o seu arquivo, pondo-o à disposição da comunidade em geral e da comunidade escolar em particular, este colégio está de fato contribuindo para a consolidação de valores essenciais para a formação da cidadania (RIBEIRO, 1992 *apud* BONATO, 2005, p. 63).

19 A Banda de Música do Instituto Federal do Piauí completou 50 anos em 2020. Já o canto coral do Piauí teve boa parte de seus membros oriundos da Antiga Escola Técnica Federal do Piauí – alguns coralistas ganharam expressão nacional, como o barítono Raimundo Pereira.

Fato é que foram quatro anos de espera, somados a três de trabalho contínuo, contato com outras instituições e pesquisas que nos colocam que ainda há muito a ser feito. Para seguir nessa empreitada, inspiramo-nos em trabalhos como o do Sinodal, citado no início deste artigo; bem como nos documentários *Tantas escolas, tantas memórias* (MIGNOT, 2011), que versa sobre escolas centenárias do Rio de Janeiro, e *Olhares: instituições educativas centenárias de Cuiabá* (LIMA; MIRANDA, 2015), que teve a participação de estudantes da educação básica, bolsistas do Pibid e outros (SILVA; MONTE, 2019).

Outro desafio se coloca para um futuro próximo: organizar o acervo de documentos localizado sobre a banda de música, com o objetivo de realizar uma exposição comemorativa de seus 50 anos. Tal acervo reúne a ata original de criação da banda, documentos para admissão de alunos, avaliações de estudantes e outros materiais desde a década de 1940.

De modo geral, o processo está em franco andamento. Por vezes, avança rapidamente, em outros casos, cessa longamente, até porque embates teórico-metodológicos, ausência de recursos materiais e humanos e falta de estrutura são, ao mesmo tempo, relatos comuns e ingredientes estimulantes para quem pretende empreender nessa seara. Deste modo, concluímos que os primeiros passos foram realizados, e há um planejamento a se executar. Contudo, ressaltamos que, para além dos eventos, do espaço físico e das resoluções de cunho operacional e administrativo, os únicos meios que vislumbramos para efetivar o planejado são capacidade e sensibilidade da gestão do campus para designar uma equipe comprometida com os objetivos pretendidos.

Destacamos neste estudo a importância da preservação da memória institucional, por meio de um conjunto diversificado de artefatos escolares que, em decorrência de seus usos, transforma-se em documento que permite o acesso a informação histórica. “[...] Em toda instituição, pública ou privada, a informação é o insumo básico para qualquer ação que venha a ser realizada e todo procedimento, dado, informação e objeto relacionado à trajetória da instituição pode vir a se tornar parte da memória institucional”. (MARQUES, 2007, p.23).

Para concluir essas reflexões, valemo-nos das palavras de Soria, quando afirma que:

*[...] El cultivo de la memoria es una obligación legal. Y lo es porque lo que somos debemos en buena medida a nuestro pasado; lo es porque la*

*memoria de lo que fuimos nos vincula a un grupo, nos proporciona el sentido de pertenencia a una comunidad, nos identifica con otro junto a los que existimos y actuamos como seres sociales; lo es porque nuestra personalidad tiene mucho que ver con nuestra memoria* (SORIA, 2006, p. 52).

Essas palavras retomam, em certa medida, o que nos diz Pierre Nora, autor citado na epígrafe deste artigo. No cenário brasileiro, de modo geral, e no de Teresina, em particular, elas chamam atenção para uma necessidade. Assim, esperar que esta narrativa sirva de inspiração a outras insituições/ pessoas talvez seja uma pretensão, mas é, de fato, nossa vontade.

## REFERÊNCIAS

- BARCELLOS, Jorge. O memorial como instituição no sistema de museus: conceitos e práticas na busca de um conteúdo. Palestra apresentada no Fórum Estadual de Museus, Porto Alegre, 2008. Disponível em: [http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/camarapoa/usu\\_doc/concmemor.pdf](http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/camarapoa/usu_doc/concmemor.pdf). Aesso em: 11 dez. 2020.
- BELLOTTO, Heloisa Liberalli. Arquivologia: objetivos e objetos. *Arquivo: boletim histórico e informativo*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 81-3, 1989. Disponível em: <https://arquivoememoria.files.wordpress.com/2009/04/arquivologiaobjetivosobjeto.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2020.
- BONATO, Nailda Marinho da Costa. Memória da educação: preservação de arquivos escolares. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v. 6, n. 35, p. 43-47, set./out. 2000.
- BONATO, Nailda Marinho da Costa. Os arquivos escolares como fontes para a história da educação. *Revista Brasileira de História da Educação*, Maringá, v. 5, n. 2, p. 193-220, jul./dez. 2005.
- BRANCO, Flavio Castello. *Escola de Aprendizizes Artífices*. Relatório apresentado à Superintendência do Ensino Industrial pelo Director Engenheiro Flavio Castello Branco. Teresina: Superintendência do Ensino Industrial, 1936.
- BRASIL. *Lei n. 11.892, de 29 de dezembro de 2008*. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm). Acesso em: 15 mar. 2020.
- BROTHMAN, Brien. Ordem de valor: questionando os termos teóricos da prática arquivística. In: NEDEL, Letícia; HEYMANN, Luciana Quillet (orgs.). *Pensar os arquivos: uma antologia*. Rio de Janeiro: FGV, 2018. p. 83-120.
- BURKE, Peter. *A escrita da história*. São Paulo: Unesp, 1992.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. O arquivo pessoal do professor catarinense Elpídio Barbosa (1909-1966): do traçado manual ao registro digital. *Revista História da Educação*, Porto Alegre, v. 21, n. 5, p. 187-206, 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5800268.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2019.
- COOK, Terry. O passado é prólogo: uma história das idéias arquivísticas desde 1898 e a futura mudança de paradigma. In: NEDEL, Letícia; HEYMANN, Luciana Quillet (orgs.). *Pensar os arquivos: uma antologia*. Rio de Janeiro: FGV, 2018. p. 17-81.

- DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. *Conceitos-chave de museologia*. Tradução e comentários BRULON, Bruno Soares e CURY, Marília Xavier. Paris: Armand Colin, 2010.
- FRANCO, Pamela; AFONSO, Alcilia. *Avenida Frei Serafim: anotações sobre uma paisagem moderna (1940-1980)*. [S.l.]: Novas Edições Acadêmicas, 2017.
- GOFF, Jacques Le. *História e memória*. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.
- GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi. *Memórias recompondo tempos e espaços da educação: Bom Jesus/RS (1913-1963)*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- LIMA, Alexandra; MIRANDA, Laércio. *Olhares: instituições educativas centenárias de Cuiabá*. Cuiabá: FAPEMAT, 2015. 1 vídeo (38 min).
- MARQUES, Otacilio Guedes. *Informação histórica: recuperação e divulgação da memória no poder judiciário brasileiro*. Dissertação. CID. Unb. Brasília. DF, 2007.133fl
- MARTINS, Ana Maria Gomes de Sousa. *A formação de professores primários no Piauí (1947-1961): entre as apropriações e mudanças decorrentes da Lei Orgânica do Ensino Normal*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpi.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/880/tese%20C%20FICHA.pdf?sequence=1>. Acesso em: 13 mar. 2020.
- MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. *Tantas escolas, tantas memórias*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2011. 1 vídeo (55 min).
- MONTI, Ednardo Monteiro Gonzaga do. Como um toque de clarim: a obra pedagógica villalobiana da paisagem sonora à cultura material. *Documento/Monumento*, Cuiabá, v. 1, p. 72-83, set. 2015.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- PAES, Marilena Leite. *Arquivo: teoria e prática*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- RÊGO, Vilson Ribamar; RODRIGUES, Antonio Gerardo. *100 Fatos de uma Escola Centenária*. Teresina: IFPI, 2009.
- REIS, José Carlos. *O desafio historiográfico*. Rio de Janeiro: FGV, 2017.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.
- RODRIGUES, Antonio Gerardo. *Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí: 90 anos de ensino profissionalizante*. Teresina: EDUFPI, 2002.
- SILVA, Alexandra Lima da; MONTI, Ednardo Monteiro Gonzaga. *Viagens pelo cinema: convite à história da educação*. Teresina: EDUFPI, 2019.
- SORIA, Juan Manuel Fernández. Usos de la memoria e el olvido en la historia de la educación. *Sarmiento: Anuario Gallego de Historia da Educación*, Pontevedra, n. 10, p. 25-51, 2006.
- SUANO, Marlene. *O que é museu*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ZAIA, Iomar Barbosa. O lugar do arquivo permanente dentro de um centro de memória escolar. *Revista Brasileira de História da Educação*, Maringá, v. 5, n. 153-174, jul./dez. 2005.

